

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA



Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9850; Província, 3 meses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses 66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102500  
PAGAMENTO ADIANTADO

SÁBADO, 10 DE JULHO DE 1925

## Os militares, afinal, estão usando os mesmos processos e patenteando os mesmos vícios dos políticos anteriores

Operou-se mais uma modificação no cenário da actual situação política. Já não é o general Gomes da Costa quem manda — é o general Carmona. Um novo governo dirige neste momento a nação. Já o sr. Martinho Nobre de Melo nada manda na presente situação. O sr. Filomeno da Câmara também foi passear.

A pouco mais de um mês da revolução militar, três governos distintos têm gerido os negócios do Estado. O primeiro governo, o do comandante Cabeçadas, foi obrigado a demitir-se após várias cabeças que só trouxeram ao país dissabores, confusão e desordem. Seguiu-se-lhe Gomes da Costa, que melhor não andou do que o anterior, pelo contrário: amordilhou a imprensa e fez perseguições. Agora um novo governo, presidido pelo general Carmona, acaba de tomar conta do poder e disso deve a governar.

Não conhecemos as intenções do novo governo. Podemos admitir, por condescendência, que sejam boas.

O exército fundamentou a sua intervenção na vida política e na governação pública em várias razões que ainda não esquecemos. Entre elas, a instabilidade dos ministérios constitucionais, a intriga política sem objectivos elevados e as ambições desmoralizadoras dos vários grupelhos eram as de maior vulto.

Mas se o exército fez a sua revolução para acabar com êsses males porque razão está seguindo precisamente as mesmas pizadas daqueles contra quem se revoltou?

Parecia, pela maneira como falavam os defensores e propagandistas da ditadura militar, que o exército era constituído por vestais imaculadas incapazes de errar. E, afinal, é o que se está vendo.

A sua unidade de vistos, a sua disciplina, a sua competência começam agora a patentear-se de maneira bem clara aos olhos do povo.

Principia a ser confirmado pela prática, pela realidade, tudo quanto temos afirmado acerca da incapacidade governativa do exército.

Os acontecimentos dos últimos dias trazem o país tão alarmado, do norte ao sul, como os acontecimentos revolucionários de que eram tão férteis os homens que anteriormente nos governavam.

Em que difere, pois, um general Gomes da Costa, que veste farda, e a-pesar-de ter estado no poder não conseguiu resolver, senão agravar, um único dos grandes problemas colectivos dum outro Costa qualquer que, vestindo frack ou paletot, tenha governado isto com o habitual desacerto e tradicional incompetência?

Em que difere a situação presente, dirigida por militares, da situação anterior dirigida pelos políticos democráticos?

São muito semelhantes. Mas parece-nos que o exército, que quer salvar a nação que os partidos afundaram, apenas conseguirá perdê-la mais depressa.



## A destituição do general Gomes da Costa pelos comandantes da guarnição militar de Lisboa

Foi constituído novo ministério presidido pelo general Carmona — O sr. Ferreira do Amaral reassumiu o comando da polícia — O movimento de agora também triunfou sem luta

Os últimos acontecimentos, aos quais a imprensa não tem podido referir-se tão desenvolvidamente como merecem, atingiram ontem o seu aspecto melindroso e agudo. Há dias que nos meios militares se estabelecia um ambiente desfavorável ao general Gomes da Costa.

Do sucedido damos a seguir sucinto relato, se a censura no-lo permitir.



### Antecedentes da queda de Gomes da Costa

Os comandantes das unidades aquarteladas em Lisboa procuraram, há dias, no palácio de Belém, general Gomes da Costa. Os oficiais foram manifestar o seu desagrado pela orientação seguida pelo presidente do ministério, ora deposito.

Compareceram: o general Domingos, comandante da 1.ª Divisão; o coronel Valadas, comandante da Guarda Republicana; o coronel Muzinho de Albuquerque, comandante das tropas acantonadas em Sacavém; o general Sinel de Cordes, o tenente-coronel Raúl Esteves e outros oficiais superiores ligados aos acontecimentos em curso.

Entre todos, a controvérsia foi muito agitada, havendo uma extraordinária irreductibilidade de parte a parte. Os oficiais apresentaram uma plataforma nos seguintes termos: reconduzir, imediatamente, os ministros demissionários, havia poucas horas.

O general, que a princípio se mostrou intransigente, terminou por declarar que abandonaria a presidência do ministério, se era esse o desejo do exército. Quanto à plataforma que lhe foi apresentada, opôs-se terminantemente, por considerar que ela representava um desprestígio para o seu nome. Enquanto durou a conferência, o chefe do governo afastou-se, por vezes, para um gabinete contíguo; onde ia tomar conselho com algumas pessoas que ali estavam reunidas.

A entrevista terminou, já de madrugada, tendo pedido a sua demissão os comandantes da 1.ª Divisão, da G. N. R. e das tropas de Sacavém.

A nota oficial que foi publicada nos jornais da manhã não representava, portanto, a expressão da verdade. Confirmava-se as divergências. O problema político não tivera ainda uma solução definitiva.

Anteontem voltaram a reunir-se com o general Gomes da Costa alguns dos oficiais acima nomeados, chegando-se a manha alta sem nenhuma solução definitiva.

Estava aberto o conflito.

De tarde, tinha sido dada ordem às tropas da Guarda para se conservarem de prevenção simples, permanecendo nos quartéis todos os oficiais.

A's 7 horas da manhã as tropas passaram a prevenção geral, e às 8, a prevenção rigorosa.

A's 13 horas, foi dada ordem pela Divisão para que fosse içada, em todos os quartéis, a bandeira nacional, o que se fez com as horas do estilo.

Houve uma tentativa de contemporânia, apenas se conseguindo que os oficiais transigissem em não colocar o sr. Sinel de Cordes na presidência do ministério.

A meio da noite, os comandantes das unidades reuniram-se no Quartel General da 1.ª Divisão, a fim de decidirem o caminho a seguir. O general Sinel de Cordes declarou que não pretendia ser presidente do Ministério, mas apenas obedecer às indicações do exército. Nessa reunião, resolviu-se procurar, depois de tomadas as indispensáveis medidas militares, o general Gomes da Costa, e dizer-lhe qual vontade da força pública.

**Um episódio interessante**

O Diário de Lisboa relata de maneira notável um episódio ocorrido no palácio de Belém. Permitimo-nos fazer uma transcrição:

«Na noite antecedente, ninguém dormira em Belém. De maneira que, ontem, tanto o general, como os seus ajudantes, estavam muito fatigados.

A's 4 horas da madrugada todos dormiam. A's 5 horas retinuia a campanha do telefone presidencial. Alguém que não desemprendeu em Belém qualquer situação oficial, mas que se encontrava no palácio, foi atendido.

Era o capitão Franco, comandante da Polícia, que pedia a ida ao telefone, dum dos ajudantes do general, para lhe comunicar que se preparava um golpe militar.

— Estão todos a dormir! Mas se queres, eu vou acordar qualquer deles...

— Ah! Estão todos a dormir, e só tu és que estou acordado? Pois, então, boa noite! E desligou o telefone.

Mais tarde, alguém participou também no palácio, que alguma coisa de anormal se passava.

**Gomes da Costa visita os quartéis**

O general Gomes da Costa, acompanhado de seus ajudantes e de elementos da confiança do governo, visitou vários quartéis de Lisboa. Estranhou que o regimento de Cavalaria 2 estivesse preparado para sair. Objectaram-lhe que obedeciam a ordens superiores. E como Gomes da Costa invocasse a sua qualidade de ministro da

Guerra, replicaram-lhe que só do comando da divisão o regimento recebia ordens.

O general soltou vivas à República que foram correspondidos. gritou que se atraçava a República, mas decidiu-se ir à ida a Queluz.

Entretanto, no Quartel General, havia assumido, provisoriamente, o comando da Divisão, o tenente coronel Bivar de Sousa, comandante da cavalaria 2. Uma força deste regimento, sob o comando do capitão Quadros, ocupava o edifício e as suas imediações.

Fórcas de infantaria 2 partiram a tomar conta do Governo Civil e os ministérios foram ocupados por infantaria 16. Ao mesmo tempo contingentes doutras unidades tomavam os pontos estratégicos da cidade, tendo artilharia 3 e cavalaria 2 ocupado Montes Claros, na Serra de Monsanto.

**Círculo ao Palácio de Belém**

A's 11 horas uma fôrça de cavalaria 2, comandada pelos capitães Machado e Ribeiro e pelos tenentes Pereira Coutinho e Bessa Aragão, cercou o palácio de Belém.

Imediatamente, as senhoras da família do general arranjaram as suas malas, e seguiram para casa, em automóveis da presidência.

O general Gomes da Costa recusava-se a aceitar a plataforma que lhe fôr proposta e que era a seguinte: ficar na chefia

do governo, mas sem pasta, e formar o ministério que lhe indicassem os comandantes das unidades.

O general Carmona determinou, então que o sr. general Gomes da Costa fosse acompanhado até sua casa por um pelotão de guarda de cavalaria, que lhe faria a guarda de honra. E retirou-se, marcando para as 15 horas a primeira reunião do governo saído do movimento, no ministério das Colónias.

**Constituição do novo governo**

Foi-nos enviada a seguinte nota oficial:

«O comando militar da 1.ª divisão do Exército, em entendimento com as forças de Sacavém e Queluz, e da Marinha e Guarda Republicana, resolve nomear o seguinte ministério:

Presidência e Guerra — General Carmona.

Finanças — General Sinel de Cordes.

Interior — Dr. Ribeiro Castanho.

Justiça — Dr. Manuel Rodrigues.

Colônias — Comandante João Belo.

Estrangeiros — Dr. Bettencourt Rodrigues.

Marinha — Comandante Jaima Afreixo.

Instituição — General Teixeira Botelho.

Agricultura — General Alves Pedrosa.

Comércio — Tenente-coronel Passos e Souza.

Foi dado conhecimento deste governo a todas as unidades do país.

O governo foi constituído dentro da República, e propõe-se efectivar as aspirações nacionais.

**A proclamação do novo governo**

O governo tornou pública a nota abaixo, que nós reproduzimos por mero interesse de informação:

PELOS HOSPITAIS CIVIS

## As garantias que a classe de enfermagem gosa, ao abrigo da actual organização dos serviços hospitalares, permitem-lhe uma existência de miséria e de fome

Deixámos ontem o leitor no limiar da Escola Profissional de Enfermagem, depois de termos feito transitar pela sinuosa via dos antigos serviços de enfermagem. Conveniente que lhe digamos qual a função pedagógica dessa escola e a sua utilidade para os alunos, para, subsequentemente, tirarmos a ilação conveniente do que ali estavam reunidas.

O general, que a princípio se mostrou intransigente, terminou por declarar que abandonaria a presidência do ministério, se era esse o desejo do exército. Quanto à plataforma que lhe foi apresentada, opôs-se terminantemente, por considerar que ela representava um desprestígio para o seu nome. Enquanto durou a conferência, o chefe do governo afastou-se, por vezes, para um gabinete contíguo; onde ia tomar conselho com algumas pessoas que ali estavam reunidas.

A entrevista terminou, já de madrugada, tendo pedido a sua demissão os comandantes das tropas de Sacavém.

A nota oficial que foi publicada nos jornais da manhã não representava, portanto, a expressão da verdade. Confirmava-se as divergências. O problema político não tivera ainda uma solução definitiva.

Anteontem voltaram a reunir-se com o general Gomes da Costa alguns dos oficiais acima nomeados, chegando-se a manha alta sem nenhuma solução definitiva.

Estava aberto o conflito.

De tarde, tinha sido dada ordem às tropas da Guarda para se conservarem de prevenção simples, permanecendo nos quartéis todos os oficiais.

A's 7 horas da manhã as tropas passaram a prevenção geral, e às 8, a prevenção rigorosa.

A's 13 horas, foi dada ordem pela Divisão para que fosse içada, em todos os quartéis, a bandeira nacional, o que se fez com as horas do estilo.

Houve uma tentativa de contemporânia, apenas se conseguindo que os oficiais transigissem em não colocar o sr. Sinel de Cordes na presidência do ministério.

A meio da noite, os comandantes das unidades reuniram-se no Quartel General da 1.ª Divisão, a fim de decidirem o caminho a seguir. O general Sinel de Cordes declarou que não pretendia ser presidente do Ministério, mas apenas obedecer às indicações do exército. Nessa reunião, resolviu-se procurar, depois de tomadas as indispensáveis medidas militares, o general Gomes da Costa, e dizer-lhe qual vontade da força pública.

**Um episódio interessante**

O Diário de Lisboa relata de maneira notável um episódio ocorrido no palácio de Belém. Permitimo-nos fazer uma transcrição:

«Na noite antecedente, ninguém dormira em Belém. De maneira que, ontem, tanto o general, como os seus ajudantes, estavam muito fatigados.

A's 4 horas da madrugada todos dormiam. A's 5 horas retinuia a campanha do telefone presidencial. Alguém que não desemprendeu em Belém qualquer situação oficial, mas que se encontrava no palácio, foi atendido.

Era o capitão Franco, comandante da Polícia, que pedia a ida ao telefone, dum dos ajudantes do general, para lhe comunicar que se preparava um golpe militar.

— Estão todos a dormir! Mas se queres, eu vou acordar qualquer deles...

— Ah! Estão todos a dormir, e só tu és que estou acordado? Pois, então, boa noite!

E desligou o telefone.

Mais tarde, alguém participou também no palácio, que alguma coisa de anormal se passava.

**Gomes da Costa visita os quartéis**

O general Gomes da Costa, acompanhado de seus ajudantes e de elementos da confiança do governo, visitou vários quartéis de Lisboa. Estranhou que o regimento de Cavalaria 2 estivesse preparado para sair. Objectaram-lhe que obedeciam a ordens superiores.

Todos os alunos obtiveram boas classificações. Nem uma simples raposa.

Isto prova que os resultados obtidos na Escola Profissional de Enfermagem são sempre excelentes.

A referida escola tem por missão habilitar o pessoal de enfermagem, o qual só é admitido nos hospitais civis de Lisboa mediante a apresentação do diploma passado por esta escola.

O curso da Escola Profissional de Enfermagem é de três anos e divididos em: curso geral, que dura dois anos, e curso complementar, de mais um ano. O curso geral habilita para a entrada

**A nova lei de imprensa**

**A Associação dos Jornalistas e Escritores do Centro de Portugal, em organização, aprecia e protesta contra ela**

COIMBRA, 7.—Hoje, pelas 21,30 horas, reuniu-se na sede da *Gazeta de Coimbra* —por ser o jornal mais antigo—os jornalistas dos periódicos desta cidade e os correspondentes dos diários das capitais, para trarem da criação da sua Associação.

Estavam representados os jornais locais: *A Gazeta de Coimbra*, *O Despertar*, *Marte*, *O Meteor e Vida Nova* e os seguintes diários: *A Batalha*, *Diário de Notícias*, *O Sénior*, *A Capital*, *Voz Pública*, *A Revolução Nacional*, *A Noite*, *Jornal de Notícias* e *Primeiro de Janeiro*.

Todos concordaram com a iniciativa. Após alguma discussão, assentou-se no seguinte título a dar ao organismo recém-criado: «Associação dos Jornalistas e Escritores do Centro de Portugal».

Resolvem-se que a comissão organizadora desta associação ficasse constituída pelos correspondentes dos diários das capitais nesta cidade e pelos delegados de todos os jornais da região do Centro de Portugal, que enviem a esta comissão a sua adesão.

O primeiro trabalho da comissão organizadora foi a elaboração dum nota oficiosa dando ao público, através da imprensa, conhecimento da constituição em Coimbra, da Associação dos Jornalistas e Escritores do Centro de Portugal.

Fixou-se para o próximo dia 14, às 21,30 horas, a segunda reunião da comissão organizadora, na redacção da *Gazeta de Coimbra* que o seu representante amavelmente ofereceu para sede provisória dare-fenda comissão.

A Associação dos Jornalistas e Escritores do Centro de Portugal (em organização) entrou na apreciação da Lei de Imprensa.

Considera-a cerceadora das justas regalias que os jornalistas até hoje usufruíram. Unanimemente, todos os presentes manifestam a sua revolta contra a lei recentemente promulgada.

A Associação resolve dar todo o seu apoio às resoluções tomadas pelos jornalistas da capital, por intermédio dos seus organismos, quanto à lei da Imprensa e aproveita o enciso para protestar em especial, contra a situação vexatória à que a imprensa de Coimbra é criada pelo art. 31 da lei referida.

Entre os correspondentes dos diários ali representados é deliberado por acordo unânime enviar cada um deles, telegraficamente, para o jornal que representa, notícia das resoluções aqui tomadas.

Por extraordinários motivos impeditivos nôs, correspondente de «A Batalha» não pudemos cumprir aquela resolução.

Só hoje, por isso, damos notícia do que nessa reunião se passou.

«A Batalha», como porta-voz da organização operária de todos os que ultimamente trabalham e são alvos da exploração e da tirania desta sociedade, não cala o seu regozijo pela atitude dignificadora dos jornalistas de Coimbra, criando a sua Associação e, por intermédio dela, protestando aktivamente contra o abôto infeliz parido pela crençação tacanha do sr. Manuel Rodrigues Junior numa hora má.

Que a Associação agora fundada conquiste para todos os jornalistas de Coimbra as justas e amplas regalias a que têm incontestável direito todos os que ultimamente manifestam a sua pêna, posta ao serviço da causa do Progresso!

**MÚSICA****Academia de Amadores de Música**

No salão desta Academia realiza-se hoje, às 21 e meia horas, um concerto extraordinário, promovido por uma comissão de alunos, com o seguinte interessante programa:

1.ª parte: 1.º, «Trio em dô menor», alegro com brio, andante com variações, minueto (quasi alegro), final (prestíssimo), violino, violoncelo e piano pelos professores D. Maria da Luz Antunes; D. Maria Beatriz Soares e Manuel dos Santos—Beethoven; 2.º, «Gouttes de rosée»—Godofredo; «Valse de concert», harpa, solo, pela professora sr. D. Cecília Borba, Hasselmans; 3.º, (a) «Andante», (b) «Minuetto», violino e piano pelo sr. António Castro Rodrigues e professora sr. D. Cecília Borba—Franz Ries; 4.º, (a) «O meu dolce ardor», canto e piano—C. Gluck; (b) «Still wie die nacht», canto, violino e piano pelas sr. D. Berta Borges, D. Mariana do Souto Pimentel e D. Beatriz Soares—Carl Bohm.

2.ª parte: 1.º, (a) «Gazouillement du printemps»—Sinding; (b) «Ballade em 14 tempos», piano, solo, pela sr. D. Maria Inês Lopes de Andrade—Chopin; 2.º, (a) «Cajita de musica»—A. Romeo; (b) «Minuetto», banda e piano pelo sr. Tomás Constant e professora sr. D. Cecília Borba—Franz Ries; 3.º, (a) «A l'air du bord de l'eau»—G. Faure; (b) «Reves», canto e piano pelas sr. D. Berta Borges e D. Maria Beatriz Soares—R. Wagner; 4.º, (a) «Andante», (b) «Tarantela», violoncelo e piano pelas sr. D. Irene Diniz e D. Sofia de Brito Freire Saldanha—D. Popper; 4.º, (a) «Sarabandé», (b) «Gavotte» para instrumentos de arco, executadas pelos alunos da Academia sob a regência do professor sr. Ivo da Cunha e Silva—Grieg.

**TIVOLI**

Telefone N. 5474

Às 21 horas

**PENÚLTIMA EXIBIÇÃO****O Abade Constantino**

Adaptação cinematográfica da célebre comédia de Ludovic Halevy

**Uma herança de cem milhões**

Comédia em 4 partes, com Marcel Levesque

**Dois documentários Desenhos animados**

Amanhã: Matinée às 3 horas

**CRÓNICA DO PORTO****As operações militares da nova vereação da Câmara Municipal**

PORTO, 9.—Presentemente, os raios visuais da população portuense incidem sobre as operações militares que se estão efectuando na Câmara Municipal do Porto. As manobras vão ser atentamente vigiadas pelo vulcacho, o qual, na sua rótula filosófica, entende que para se conhecer quem são os melhores timoneiros, os melhores guiares, não há nada como colocá-los à frente da carriola municipal.

O cangrião da lógica, dependurado na corrente militar, está sendo banhado no espaço das experiências. E é por isso que todos os olhos se fixam nas iscrônicas idas e vindas do vaso da ciência administrativa-militar que vai estudar todas as leis e todas regras do bom funcionamento municipal...

O público, atendendo às afirmações no acto da posse, não espera da actual edilidade militarista qualquer trabalho de vulto que reforme a cidade de *fond-en-comble*. A vereação vai, sobre todas as coisas, investigar, sondar, inquirir, vascular, vér, de visu, se a Câmara tem gasto como entidade rica ou come entidade pobre, saber em que tem aplicado os dinheiros arrancados às parcas economias dos municípios...

Destarte, a comissão administrativa militar que se apoderou do município pela força dum decreto do general Gomes da Costa, tem mais funções de polícia de investigação, do que de técnica municipalista... E por isso que vai procurar no orçamento da Câmara as razões, e suas justificações, das grandes verbas—tanto pelo seu pessoal e material, como até pelo seu lado... *animal*... E assim mesmo...

Os militares do município não querem garantir-no firmemente—persegui nem vexar ninguém. Mas depois de cortar o que fôr preciso, visto que sendo homens de guerra, vão construir ali o que acolá desfruirão—apresentarão ao público um bem elaborado relatório, relatando tudo por-tim-tim.

E é por esse relatório circunstanciado que todos esperam ansiosamente—como esperam, atendendo aos cofres municipais estarem verdadeiramente exausos, saneados de notas do Banco de Portugal para estarem arrejados com bilhetes de prego, a paralisação completa de todas as obras marciais... E' o aumento da *chômage*—é o prolongamento da miséria... como medida de salvação imposta pela *revolução nacional*.

E verdade que nos dão uma esperança de que, apresentado o relatório, onde provavelmente poderá ainda haver déficit, ter de «recorrer ao imposto ou ao empréstimo para uma obra digna da cidade», mas depois de provarem que não gastaram um único vintém mal gasto.

Tal qual pensava a vereação civil expulsa, cuja transmissão de pensamento foi reflectir-se na vereação militar.

O povo citadino, que está com os seus olhares convergentes para a secção militar da nova Câmara em edifício velho, lá está à espera, como sempre, do empréstimo e do imposto, que é processo velho infiltrado pela crençação tacanha do sr. Manuel Rodrigues Junior numa hora má.

Que a Associação agora fundada conquiste para todos os jornalistas de Coimbra as justas e amplas regalias a que têm incontestável direito todos os que ultimamente manifestam a sua pêna, posta ao serviço da causa do Progresso!

Os militares que agora estão à frente da cidade, não tiveram nenhum interesse em apossar-se da *Domus municipalis*. Andaram com a lanterna filosófica de Diógenes, à procura de «um grupo de cívicos, honestos, competentes, de unidade moral e de republicanismo que servisse para a direcção municipal.

Mas como estabeleceram o vácuo à volta da situação, nada conseguiram, tendo elas de fazerem o sacrifício patriótico, tanto mais glorioso e brilhante, quanto mais árdua for a vitória das operações militares...

Embora a massa anônima do povo confie um pouco das constelações medalhadas e de tantas espadas da ordem marcial, espuma, contudo, na promessa militar tão rasgadamente feita: entrarineira no *esteio da própria liberdade*—como o general da divisão chamou à Câmara—a vereação marcial será o melhor penhor das franquias populares.

Escusam os espíritos liberais e republicanos de se amedrontarem, porque a liberdade não será perseguida... con quanto viviam em pleno regime de ditadura e de perseguições à imprensa livre...

Mas isto pertence à ciência das cousas paradoxais...

**A mão de obra em França**

PARIS, 9.—A câmara dos deputados aprovou o projecto de lei regulamentando o empréstimo da mão de obras estrangeira em França. (L.)

**As religiões refreiam os instintos...**

CALCUTÁ, 9.—Um contingente de 100 homens, do exército, e uma força de polícia, devidamente armada, partiram para a aldeia de Pabna, a 200 milhas de Calcutá, à-lim-de restabelecer a ordem perturbada pela luta entre índios que adoram ídolos diferentes.

Nos tumultos têm também tomado parte os mafometanos, vendendo-se a polícia na necessidade de fazer uso das armas.

Desconhece-se o número de mortos e de feridos. (L.)

**“Educação Social”**

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração—*Empresa Editorial Fluminense, Lda.*—R. dos Reatores, 125—LISBOA.

A venda na administração de «A Batalha».

**Um economista em viagem**

VARSOVIA, 9.—Chegou a esta cidade o professor Kommerer, economista americano.

Vem acompanhado de especialistas financeiros e propõe-se estudar a situação económica da Polónia.

Não vem em missão oficial e nada tem de comum com as negociações entabuladas entre os gabinetes de Washington e Varsóvia. (L.)

**Dois documentários Desenhos animados**

Amanhã: Matinée às 3 horas

**A BATALHA NA PROVÍNCIA E ARREDORES****Peniche****Selvagerias da “briosa”**

PENICHE, 6.—Produziu-se, nesta localidade, um gesto da briosa que provou, e justamente, indignados comentários da população.

Há dias, em Peniche de cima, fizeram as raparigas uma fogueira, como é de hábito nos folguedos populares desta quadra do ano.

A certa altura apareceram três guardas republicanos, em estado de embriaguez, que sem motivo algum, intimaram provavelmente toda a gente a retirar-se.

Depois de toda a gente, por prudência, se ter retirado, os guardas republicanos romperam a coronação à porta dos estabelecimentos, intimando os seus proprietários a abri-los para lhe venderem tabaco. Um indivíduo de nome José Sapateiro declarou aos guardas que só havia tabaco na veda no depósito. Os guardas então mandaram-no seguir em direcção ao depósito. O José Sapateiro, a certa altura restando que o matassem, gritou por socorro acudindo alguns populares que conseguiram com grande esforço libertá-lo.

Foi menos feliz um pobre homem chamado Joaquim Rodrigues Azenha que quando recolhia a casa foi assaltado pelos três guardas que o intimaram a dar-lhe tabaco. Como se disse—o que era verdade—que não tinha, um dos guardas deu-lhe uma coroa de ouro, no peito, que o prostoro por terra. Os gritos do pobre velhote acudiu o camarada Florido de Almeida que observou aos guardas que era uma crueldade sem nome o que tinham praticado. Um dos guardas colocou-lhe, logo, por resposta, o cano da espingarda a um dos ouvidos intitmando-o a calar-se, sob pena de perder a vida.

O público, atendendo às afirmações no acto da posse, não espera da actual edilidade militarista qualquer trabalho de vulto que reforme a cidade de *fond-en-comble*. A vereação vai, sobre todas as coisas, investigar, sondar, inquirir, vascular, vér, de visu, se a Câmara tem gasto como entidade rica ou come entidade pobre, saber em que tem aplicado os dinheiros arrancados às parcas economias dos municípios...

Destarte, a comissão administrativa militar que se apoderou do município pela força dum decreto do general Gomes da Costa, tem mais funções de polícia de investigação, do que de técnica municipalista... E por isso que vai procurar no orçamento da Câmara as razões, e suas justificações, das grandes verbas—tanto pelo seu pessoal e material, como até pelo seu lado... *animal*... E assim mesmo...

A certa altura apareceram três guardas republicanos, em estado de embriaguez, que sem motivo algum, intimaram provavelmente toda a gente a retirar-se.

Depois de toda a gente, por prudência, se ter retirado, os guardas republicanos romperam a coronação à porta dos estabelecimentos, intimando os seus proprietários a abri-los para lhe venderem tabaco. Um indivíduo de nome José Sapateiro declarou aos guardas que só havia tabaco na veda no depósito. Os guardas então mandaram-no seguir em direcção ao depósito. O José Sapateiro, a certa altura restando que o matassem, gritou por socorro acudindo alguns populares que conseguiram com grande esforço libertá-lo.

Foi menos feliz um pobre homem chamado Joaquim Rodrigues Azenha que quando recolhia a casa foi assaltado pelos três guardas que o intimaram a dar-lhe tabaco. Como se disse—o que era verdade—que não tinha, um dos guardas deu-lhe uma coroa de ouro, no peito, que o prostoro por terra. Os gritos do pobre velhote acudiu o camarada Florido de Almeida que observou aos guardas que era uma crueldade sem nome o que tinham praticado. Um dos guardas colocou-lhe, logo, por resposta, o cano da espingarda a um dos ouvidos intitmando-o a calar-se, sob pena de perder a vida.

O público, atendendo às afirmações no acto da posse, não espera da actual edilidade militarista qualquer trabalho de vulto que reforme a cidade de *fond-en-comble*. A vereação vai, sobre todas as coisas, investigar, sondar, inquirir, vascular, vér, de visu, se a Câmara tem gasto como entidade rica ou come entidade pobre, saber em que tem aplicado os dinheiros arrancados às parcas economias dos municípios...

Destarte, a comissão administrativa militar que se apoderou do município pela força dum decreto do general Gomes da Costa, tem mais funções de polícia de investigação, do que de técnica municipalista... E por isso que vai procurar no orçamento da Câmara as razões, e suas justificações, das grandes verbas—tanto pelo seu pessoal e material, como até pelo seu lado... *animal*... E assim mesmo...

A certa altura apareceram três guardas republicanos, em estado de embriaguez, que sem motivo algum, intimaram provavelmente toda a gente a retirar-se.

Depois de toda a gente, por prudência, se ter retirado, os guardas republicanos romperam a coronação à porta dos estabelecimentos, intimando os seus proprietários a abri-los para lhe venderem tabaco. Um indivíduo de nome José Sapateiro declarou aos guardas que só havia tabaco na veda no depósito. Os guardas então mandaram-no seguir em direcção ao depósito. O José Sapateiro, a certa altura restando que o matassem, gritou por socorro acudindo alguns populares que conseguiram com grande esforço libertá-lo.

Foi menos feliz um pobre homem chamado Joaquim Rodrigues Azenha que quando recolhia a casa foi assaltado pelos três guardas que o intimaram a dar-lhe tabaco. Como se disse—o que era verdade—que não tinha, um dos guardas deu-lhe uma coroa de ouro, no peito, que o prostoro por terra. Os gritos do pobre velhote acudiu o camarada Florido de Almeida que observou aos guardas que era uma crueldade sem nome o que tinham praticado. Um dos guardas colocou-lhe, logo, por resposta, o cano da espingarda a um dos ouvidos intitmando-o a calar-se, sob pena de perder a vida.

O público, atendendo às afirmações no acto da posse, não espera da actual edilidade militarista qualquer trabalho de vulto que reforme a cidade de *fond-en-comble*. A vereação vai,

## MARCO POSTAL

Sousel.—Manuel António da Venda.—Recebemos vale de 28\$50. Assinatura paga só 31 do corrente.  
Albernoá.—Sociedade Cooperativista Albernoense.—Recebemos 9\$50 que pagou a assinatura do corrente.  
Portimão.—A. Serio.—Recebemos 300\$00.

## AGENDA

CALENDARIO DE JULHO

	6	13	20	27	HOJE O SOL
Q.	7	14	21	28	Aparece às 5,20 Desaparece às 20,3
Q.	1	8	15	22	29
S.	2	9	16	23	30
S.	3	10	17	24	31
D.	4	11	18	25	FASES DA LUA
S.	5	12	19	26	Q. dia 2 às 18,2 L. N. * 8 * 25,6 Q. C. * 25 * 24,13 L. C. * 25 * 24,13

## CAMBIOS

Paises	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	
Madrid, cheque	3512	
Paris, cheque	52	
Suica	378,5	
Bruxelas cheque	50	
New-York	1955	
Amsterdão	7585	
Itália, cheque	566	
Brasil	315	
Praga	558	
Suecia, cheque	524	
Austria, cheque	277	
Berlim	4866	

## ESPECTÁCULOS

TEATROS  
Trindade.—A's 21,30—O Patriota.  
Praça das Artes.—A's 21,30—O Leão da Estrela.  
Irenópolis.—A's 21,30—O Dr. da Mula Ruiva.  
Maria Vitoria.—A's 21 e às 22,45—O Az de Es-  
adas.

Varietades.—A's 21,15 e às 22,15—O Pô de Arroz  
Selvagem.—A's 21—Varietades.

Cinema L. Vicente (A Graça)—Espectáculos às 3,15

... salões e domingos com matinées.

Excels Parque—Idiomas as noites Concertos: di-  
versas.

CINEMAS  
Tivoli—Olimpia—Central—Cine—Chico Ter-  
reiro—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança  
—L'Orfeo—Cine Paris.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Nar-  
ciso—A's 5 horas.  
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilas—4 horas.  
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10  
horas.

Pele e sifilis—Dr. Correia Piqueiredo—11 e às  
5 horas.

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loft—  
2 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Gonorréa, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—  
45 horas.

Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—5 ho-  
ras.

Doenças das senhoras—Dr. Emílio Palva—2 horas.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 ho-  
ras.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5  
horas.

Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.

Câncer e rádio—Dr. Cabral do Melo—4 horas.

Reino X—Dr. Alen Saludinha—4 horas.

Análises—Dr. Gabinho Beato—4 horas.

Policlínica do Rato

PRAÇA DO BRASIL, 45, 1º

TELEF. N. 1200

Dr. Júlio Gonçalves—Boca e dentes, às  
13 horas.

Dr. António Monteiro—Clínica geral,  
senhoras e crianças, às 11 horas.

Dr. Lourenço Raimundo—Rins e vias  
urinárias, às 13,12.

Dr. António Fernandes—Medicina geral  
e doenças nervosas, às 15,12.

Dr. João Saravia—Doenças dos olhos,  
às 15,12.

Dr. João de Moraes Sarmento—Gineco-  
logia e operações, às 16 h.

Dr. Raival Saavedra—Pele, sifilis e pul-  
mões, às 17 h.

Dr. Tavares do Couto—Garganta, nariz  
e ouvidos, às 15,12.

Análises clínicas, electroterapia,  
maçagem e ginástica médica

## Horário de trabalho

## As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de ed-  
tar, em folheto, o decreto-558, de 6 de Maio  
de 1919 e respectivo regulamento publicado no  
*Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horá-  
rio de trabalho, sendo o seu preço avulso de 5\$.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidades  
far-se-á um abatimento de 50% cêntimo em pa-  
cotes de 50 folhetos.

Devolhos à administração de *A Batalha*

O desconhecido disse a Berta:

— Passo por cima dos detalhes do naufrágio que  
vos obrigou a arribar a Delft; chego à parte impor-  
tante.

... Dizeis-nos, meu caro Raúl, que vai diminuindo  
a influência da menina Kéroualle, hoje duquesa de  
Portsmouth, levada a Carlos II pela sr.ª duquesa  
d'Orleans, no princípio d'este ano, para decidir esse  
rei libertino a assinar, mediante alguns milhões e os  
encantos da bela Kéroualle, um tratado de aliança da  
Inglaterra com a França, contra a República das Pro-  
vincias Unidas; acrescentais que, à medida que dimini-  
ui a influência da duquesa de Portsmouth, lord Ar-  
lington, partidário da aliança da Inglaterra com a E-  
spanha, com o império e com as Províncias Unidas  
contra a França, vai dominando cada vez mais o in-  
deciso e luxuoso Rowley, como os familiares cha-  
mam a Carlos II. Ora esse lord Arlington, tem por  
auxiliar e agente uma tal Nelly-Gwin, criatura da mais  
baixa espécie, que jura, pragueja, bebe e se embriaga  
a todo o instante, mas cuja desenvoltura, descarame-  
e ruidosa alegria parecem agradar muito a Sua Ma-  
gestade o rei Carlos II.

Na vossa opinião, podia dai resultar que a ninf-  
a e o dinheiro espanhol, tudo isto junto ao auxílio do  
império, levem o rei Carlos, depois de aborrecido da  
menina de Kéroualle, e de ter dissipado o presente de  
alguns milhões que lhe deu o nosso rei, sob pretexto  
de catolicismo, a romper com a aliança francesa e a  
aliar-se com a Espanha e com a República das Pro-  
vincias Unidas.

«Foi meditando nessas graves circunstâncias que  
vos veiu à mente, meu caro discípulo, a ideia de que  
os belos olhos e a deslumbrante beleza da nossa Berta  
poderiam operar uma salutar mudança nas dispo-  
sições em que se achava o velho Rowley, derrubar a Nelly-  
Gwin e tornar mais firme o rei Carlos na sua aliança  
com o nosso amo e senhor.

Compreendendo a importância da vossa lembran-  
ça, na qual vossa tia e eu reflectimos atentamente, o

História Universal del  
Proletariado

## Veinte siglos de opresión capitalista

Esta publicação em língua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros séculos da civilização. Cada fascículo de 48 páginas, 1800: pelo correio, registado, 1850.

Estão publicados os seguintes fascículos:  
1.º—La era de la esclavitud;  
2.º—La rebelión de Espartaco;  
3.º—Abolición de la esclavitud;  
4.º—Abyección y Servidumbre;  
5.º—La revolución de los servos;  
6.º—La miseria de los agricultores;  
7.º—Transformación del Poder Feudal;  
8.º—El comunismo cristiano;  
9.º—Los miserables en la Edad Media;  
10.º—La libertad ilusoria;  
11.º—El imperio de la guillotina;  
12.º—El trabajo motor universal;  
13.º—Las ideas sociales y la revolución francesa.

## Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-malthusianas..... \$50

O sentido em que somos anarquistas..... \$30

A peste religiosa..... \$40

A liberdade..... \$50

A internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos a A BATALHA  
ou no Cais do Sodré, 82

CONSELHO TÉCNICO  
DA  
CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e marmores de todas as províncias.

Telefone — 539 Trindade  
Escritório:  
Calçada do Combro, 38-A, 2º

DE OS MISTÉRIOS DO Povo  
LA NOVELA SOCIAL

E o título da n.º 10 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico da *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$50. Pelo correio \$70.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas \$600.

A obra mais barata que no gênero se publica

MOTOCICLETAS SUN; B.S.A.  
BICICLETAS SUN; B.S.A.

Acessórios—Contadores pa-  
ra água—Gramofones—Discos

—Artigos de futebol—Bicicletas «Onix»  
com uníons, 600\$00.

P. COELHO

Trav. de São Domingos, 23—LISBOA

## Caminhos de Ferro do Estado

DIRECCÃO DO SUL E SUESTE

AVISO AO PÚBLICO

Venda em leilão de dois vagões de lenha de azinzo

Faz-se público que no dia 14 do corrente pelas 12 horas e na estação da Moita pro-  
ceder-se-há à venda em hasta pública de  
harmonia com os regulamentos, de dois  
vagões de lenha de azinzo com o peso de  
22.600 quilogramas, remessa de P. V. n.º  
7362 e 7363 de Alívio à Moita.

A arrematação será feita a quem maior  
lanço oferecer sobre a base de licitação de  
1.500\$00.

Barreiro, 6 de Julho de 1926.—Pelo en-  
genheiro chefe do serviço do movimento de  
tráfego e reclamações.—a) Clemente da  
Silva.

## Abalimentos para revenda

170, Rua da Boa Vista, 172

expediente pareceu-nos magnífico, e de tal urgência,

que, sem vos respondermos, e recorrendo a uma ino-  
cente astúcia, convencemos Berta de que vós estavais

gravemente enfermo, a fim de decidir a acompanharnos  
nós à Inglaterra. Pretendíamos fazer-vos esta agradável  
surpresa; mas o medonho temporal que nos assaltou  
obrigou-nos a arribar à Holanda, donde vos es-  
crevo, para que vos não inquieteis pela demora da

nossa resposta.

Claro está, meu caro discípulo, que, quando che-  
garmos aí, vós estareis já completamente restabele-  
cidos, graças a Deus, e tão bem curado que já nem

parecerá que estivestes doente. Apresentareis logo na  
corte de Londres a sr.ª marquesa de Tremblay e a  
menina Berta de Plouernel; de forma que, se nos não  
enganharmos a nossa legítima esperança, o rei Carlos, des-  
lumbrado pela beleza de vossa irmã, se apaixonará,  
como é o seu costume.

Confesso-vos, meu caro discípulo, que antevejo a  
imensa satisfação que esse facto causará ao grande  
rei Luis XIV. Lembras-vos, certamente, e bem mo-  
do, das prodigiosas favores obtidos

pelo sr. de Vivonne, desde que a senhora sua irmã, a  
marquesa de Montespán, foi honrada com os olhares  
do rei e teve a augusta felicidade de lhe dar filhos.

Portanto, se se realizarem os nossos desejos, como  
esperamos, na Inglaterra, vós ficareis sendo o Vivonne  
da nossa bela Montespán britânica.

Direi ainda que, aproveitando a nossa estada na  
Haya, creio, segundo o que observei, e em virtude de  
certas conferências que tive com uma pessoa da nossa

# A BATALHA

## A moral humana é fundamentalmente contrária à moral religiosa

A moral popular só na Razão pode fundar-se.—Charles Richet.

Se a Razão é o principal dom que a natureza aos homens concedeu, aquele que sempre os tem distinguindo de todos os outros animais, por que motivo é que, tanto e tantas vezes, dela se arrecciam os confessionais?

Em todos os tratados e compêndios, oficialmente reconhecidos e aceites, vemos proclamar que o homem deve à Razão todo o seu poder, todos os privilégios que o elevaram à categoria de rei da criação.

A ela, com efeito, devemos tudo o que em nós é bom e grande e nobre.

Foi she que, de um sér ignoração e bestial, fez nascer o homo sapiens, sociável e humano que hoje somos.

Sendo assim, porque lhe não confiaremos a função, direcção que os filhos lhe têm, continuamente, atribuído?

Se esta é — bocca, em verdade, sempre afirmaram pela boca dos seus pensadores, as épocas de maior brilho na História — o mais precioso de todos os bens e o nosso guia mais seguro, porque não empregaremos todos os nossos esforços em cultivá-la, desenvolvendo-a sem cessar, para que ela, sem cessar também nos encaminhe para esse progresso indefinido e sempre novo que todos, cedo ou tarde, perturbo ou longe, têm a certeza de encontrar?

A Razão, pois, fez do homem um sér mortal, uma pessoa. Separou-o dos restantes animais, fazendo-lhe conceber e desejar um ideal superior.

Isto posto — e onde encontramos nós hoje consciências livres que o neguem? — é preciso consagrar o melhor dos nossos esforços a melhorá-la incessantemente, a fim de que a ela nos torne cada vez mais dignos de alta missão, social e humana, a que nos dedicamos, e tenhos o dever de realizar.

Já consideramos, e julgamos ter demonstrado, que a moral confessional não pode ser nem universal nem absoluta.

Todavia, a lei moral reine, como todos reconhecem, essas duas características.

E' universal, porque obriga a todos e em todos os lugares; e é absoluta, porque nada existe que contra a sua autoridade prevaleça.

A pesar disso e ao contrário do que afirmam os deístas, a moral sofre transformações. A medida que a Razão se desenvolve e a Ciência ocupa o lugar da ignorância e das superstições, à medida que vamos tendo, da vida, uma noção mais justa e mais completa, a caminho do ideal que nos conduz e incita, a moral segue, no espírito que procura a verdade, uma trajectória que se caracteriza pela sua gradual e contínua transformação.

Esta é a moral que defendemos, a moral científica, a única com direito a chamar-se universal.

Para ela tendem todos os povos e, há muito, as principais religiões.

Direi mesmo todas as religiões, porque todas elas se tem esforçado por conseguir a universalidade da moral.

Infelizmente, esse desideratum não pode ser por elas atingido, porque a sua esfera de ação é cada vez menor. O mundo está continuamente a dividir-se e a subdividir-se em seitas, vendo todas elas diminuir também, cada vez mais, o seu prestígio.

Assim, não pode haver, para nenhuma delas, a esperança, próxima ou remota, de congregar todas as opiniões, chamando a si os crentes das demais religiões. Porque todas e cada uma delas pretendem o exclusivo divino, a infalibilidade. Para isso era necessário que todas, menos uma, abdicassem dos seus dogmas e princípios teológicos, isto é, se eliminassem.

Podem os cristãos dizer: «Pois que se integram os crentes das outras confissões na religião divina do Cristo e feremos fundado a moral universal».

E' impossível, pela simples razão de que os crentes das outras religiões, pensam como os cristãos: a sua religião é a melhor, porque é a única divina, a única fundada por Deus que, vindo do Céu à Terra, aqui obrou em favor dela os mais estranhos e singulares prodígios.

O próprio feitismo, ainda o mais rudimentar, gira em torno desses princípios básicos. Os seus manipuladores ou feitigos são, como os restantes deuses, agentes sobrenaturais, criadores do Céu e da Terra, omnipotentes, eternos e infinitos, assistindo aos bons nas suas ações e desventuras, e castigando os maus com penas imiplacáveis e fatais.

Ora, uma lei moral para poder conciliar tudo, isto é, para ser universal, precisa assentar em princípios universais aceites.

Mas para que tal suceda é preciso, como já vimos, que todas as confissões religiosas se resignem a abdicar da sua.

E onde existe ali, repetimos, religião ou seja disposta a sacrificar o seu ideal teológico ao vasto ideal humano? Em parte alguma.

Assim, com semelhante dogmatismo, impossível se torna qualquer conciliação.

A moral universal, pois, tem de fundar-se inteiramente fora do campo confessional.

Dizem, no entanto, os defensores da moral religiosa: «É necessário impor a regra dos costumes e dos preceitos à sombra dum religião revelada, porque ela é, para o povo, o que o freio é para o animal destinado de razão».

O argumento, deprimente e grosseiro para aqueles a quem se refere, nem ao menos se recomenda pela originalidade. E' velho como a teologia. Já no Egito e na Caldeia e na Índia os sacerdotes dêles usaram e abusaram. Na Grécia e em Roma os políticos fizeram causa comum com os sacerdotes, e o velho argumento oriental serviu, à maravilha, nas coisas da religião como nas da política:

## A especulação que as massas reacionárias estão fazendo ao redor das missões coloniais

Era, como todos hoje reconhecem e confessam, a teoria vulgar do interesse. Existiam a observância dum religião que os servia, embora eles próprios, quasi sempre, não acreditavam nela. O seu Deus, metido em querelas de seitas e partidos, era, como lhe chama um escritor contemporâneo, un épouvantail ridicule qui comporte le grand nom qu'il usurpe (!).

«Não devemos fundar, seja o que for, sobre a mentira ou sobre a hipocrisia, acrescenta o mesmo autor. Por maior que pareça a felicidade de se ser enganado, o povo recusa semelhante benefício: quer e reclama a verdade, a nossa, aquela em que acreditamos e vivemos. Tem razão para no-la pedir e nós o direito de lhe não recusarmos.

«Ora que o nós acreditamos, ao menos a grande maioria, não é mais aquilo em que nossos pais acreditaram. Os progressos da ciência transformaram as concepções do mundo físico; as grandes invenções da indústria mudaram as condições da vida material; surgiram necessidades novas e novas esperanças vieram despertar-nos... E porque, de facto, a sociedade civil é hoje mais vasta que a religiosa, com suas variadas seitas que se degladiam e excluem, sem falar na multidão dos indiferentes, resta desembocar a verdade moral que, acima de todas as divergências rituais e dogmáticas, poderá unir os espíritos numa fé prática, comum».

Essa é, tão necessária, como a conseguiremos?

Despertando em cada um de nós a consciência desta humanidade que, sendo já um testemunho singular da nossa força e do nosso gênio, seja também o padrão máximo do nosso orgulho e da nossa dignidade.

Mas para isso urge esclarecer, não enfrear. E é precisamente porque as confissões religiosas se tem preocupado mais com o freio do que com a razão, que por toda a parte elas são combatidas e odiadas.

Podem objectar-nos: «Para os cérebros tacanhos não há razão que valha».

Responderemos perguntando: «E ficarão melhor abafando-se-lhes, ainda, a pouca com que os dotou a Natureza?

Por isso, o que há a fazer não é escrutar ou apagar essa pequena luz, mas alimentá-la, estimulá-la, engrandecê-la pelo desenvolvimento da inteligência.

Quando se nos tolhe um braço ou nele diminui o movimento, o remédio não está no repouso absoluto, mas no exercício gradual e contínuo.

A função faz o órgão. E ai do que a não exerce! Acontecer-lhe há como a certos animais — especialmente os representantes da fauna aquática, os quais, habitando lugares de profunda escuridão, como em geral acontece nas grandes cavernas, acabam, na sucessão das gerações, pela atrofia total dos órgãos visuais.

Tomás da FONSECA

(I) Saillies, Éducation et Révolution, pág. 70.

## Grande excursão fluvial

A comissão escolar do Sindicato Único da Construção Civil de Lisboa realiza no dia 15 de agosto um passeio fluvial pela margem norte do Tejo até São Julião da Barra, havendo um desembarque na Trajaria, onde se realizará um «pic-nic» no pinhal, depois do que se prosseguirá o passeio até o Seixal regressando daí a Lisboa. O transporte será feito nos melhores barcos a gasolina da Cooperativa dos Carteiros, realizando-se o embarque no Terreiro do Paço, pelas 8 horas, devendo regressar-se às 20 no mesmo local.

Acompanha a excursão um excelente grupo musical, estando a comissão organizadora elaborando um interessante programa de diversões populares que muito hão-de agradar aos excursionistas.

Os bilhetes estão à venda na administração da A. Batalha, na residência do continente do Sindicato da Construção Civil e na Comissão Escolar. O seu preço é apenas de 10\$00, podendo ser pagos em 4 prestações de 2500 cada uma. As crianças de 5 a 10 anos pagam meia bilhete.

Em volta das festas da Rainha Santa

O governador civil de Coimbra ao serviço do Bispo-Conde?

COIMBRA, 8.—Procurou-nos ontem um membro da comissão de festejos da Rainha Santa para nos pedir que protestássemos na Batalha contra uma arbitrariedade do governador civil deste distrito.

Esta autoridade comunicou, à última hora, a referida comissão que não consentia que a banda de música do Troviscal viesse a Coimbra tomar parte nas festas, sob o pretexto de que tinha receio que a multidão se indignasse com a presença da dita banda sobre a qual caiu há anos a excomunhão eclesiástica.

A comissão obteve-lhe que já há dois anos esteve aqui a banda «herética» e o povo fez-lhe bastantes ovacões. Demais, a banda tomava apenas parte nas diversões de carácter cívico para evitar qualquer desacato da parte dos católicos.

Como fôssem baldadas estas explicações um componente da comissão propôs-se assumir todas as responsabilidades manejando vir a banda por sua conta. Como nem assim o governador civil modificasse a sua atitude, disseram-lhe indignadamente que tudo fazia acreditar que sua ex. estava fazendo o jongo descarado do clericalismo. O governador civil não gostou da afiguração, mas a sua atitude é a melhor demonstração de que não andará muito longe da verdade.

Sinais dos tempos...—(C.)

Em volta das festas da Rainha Santa

O governador civil de Coimbra ao serviço do Bispo-Conde?

COIMBRA, 8.—Procurou-nos ontem um membro da comissão de festejos da Rainha Santa para nos pedir que protestássemos na Batalha contra uma arbitrariedade do governador civil deste distrito.

Esta autoridade comunicou, à última hora, a referida comissão que não consentia que a banda de música do Troviscal viesse a Coimbra tomar parte nas festas, sob o pretexto de que tinha receio que a multidão se indignasse com a presença da dita banda sobre a qual caiu há anos a excomunhão eclesiástica.

A comissão obteve-lhe que já há dois anos esteve aqui a banda «herética» e o povo fez-lhe bastantes ovacões. Demais, a banda tomava apenas parte nas diversões de carácter cívico para evitar qualquer desacato da parte dos católicos.

Como fôssem baldadas estas explicações um componente da comissão propôs-se assumir todas as responsabilidades manejando vir a banda por sua conta. Como nem assim o governador civil modificasse a sua atitude, disseram-lhe indignadamente que tudo fazia acreditar que sua ex. estava fazendo o jongo descarado do clericalismo. O governador civil não gostou da afiguração, mas a sua atitude é a melhor demonstração de que não andará muito longe da verdade.

Sinais dos tempos...—(C.)

Em volta das festas da Rainha Santa

O governador civil de Coimbra ao serviço do Bispo-Conde?

COIMBRA, 8.—Procurou-nos ontem um membro da comissão de festejos da Rainha Santa para nos pedir que protestássemos na Batalha contra uma arbitrariedade do governador civil deste distrito.

Esta autoridade comunicou, à última hora, a referida comissão que não consentia que a banda de música do Troviscal viesse a Coimbra tomar parte nas festas, sob o pretexto de que tinha receio que a multidão se indignasse com a presença da dita banda sobre a qual caiu há anos a excomunhão eclesiástica.

A comissão obteve-lhe que já há dois anos esteve aqui a banda «herética» e o povo fez-lhe bastantes ovacões. Demais, a banda tomava apenas parte nas diversões de carácter cívico para evitar qualquer desacato da parte dos católicos.

Como fôssem baldadas estas explicações um componente da comissão propôs-se assumir todas as responsabilidades manejando vir a banda por sua conta. Como nem assim o governador civil modificasse a sua atitude, disseram-lhe indignadamente que tudo fazia acreditar que sua ex. estava fazendo o jongo descarado do clericalismo. O governador civil não gostou da afiguração, mas a sua atitude é a melhor demonstração de que não andará muito longe da verdade.

Sinais dos tempos...—(C.)

Em volta das festas da Rainha Santa

O governador civil de Coimbra ao serviço do Bispo-Conde?

COIMBRA, 8.—Procurou-nos ontem um membro da comissão de festejos da Rainha Santa para nos pedir que protestássemos na Batalha contra uma arbitrariedade do governador civil deste distrito.

Esta autoridade comunicou, à última hora, a referida comissão que não consentia que a banda de música do Troviscal viesse a Coimbra tomar parte nas festas, sob o pretexto de que tinha receio que a multidão se indignasse com a presença da dita banda sobre a qual caiu há anos a excomunhão eclesiástica.

A comissão obteve-lhe que já há dois anos esteve aqui a banda «herética» e o povo fez-lhe bastantes ovacões. Demais, a banda tomava apenas parte nas diversões de carácter cívico para evitar qualquer desacato da parte dos católicos.

Como fôssem baldadas estas explicações um componente da comissão propôs-se assumir todas as responsabilidades manejando vir a banda por sua conta. Como nem assim o governador civil modificasse a sua atitude, disseram-lhe indignadamente que tudo fazia acreditar que sua ex. estava fazendo o jongo descarado do clericalismo. O governador civil não gostou da afiguração, mas a sua atitude é a melhor demonstração de que não andará muito longe da verdade.

Sinais dos tempos...—(C.)

Em volta das festas da Rainha Santa

O governador civil de Coimbra ao serviço do Bispo-Conde?

COIMBRA, 8.—Procurou-nos ontem um membro da comissão de festejos da Rainha Santa para nos pedir que protestássemos na Batalha contra uma arbitrariedade do governador civil deste distrito.

Esta autoridade comunicou, à última hora, a referida comissão que não consentia que a banda de música do Troviscal viesse a Coimbra tomar parte nas festas, sob o pretexto de que tinha receio que a multidão se indignasse com a presença da dita banda sobre a qual caiu há anos a excomunhão eclesiástica.

A comissão obteve-lhe que já há dois anos esteve aqui a banda «herética» e o povo fez-lhe bastantes ovacões. Demais, a banda tomava apenas parte nas diversões de carácter cívico para evitar qualquer desacato da parte dos católicos.

Como fôssem baldadas estas explicações um componente da comissão propôs-se assumir todas as responsabilidades manejando vir a banda por sua conta. Como nem assim o governador civil modificasse a sua atitude, disseram-lhe indignadamente que tudo fazia acreditar que sua ex. estava fazendo o jongo descarado do clericalismo. O governador civil não gostou da afiguração, mas a sua atitude é a melhor demonstração de que não andará muito longe da verdade.

Sinais dos tempos...—(C.)

Em volta das festas da Rainha Santa

O governador civil de Coimbra ao serviço do Bispo-Conde?

COIMBRA, 8.—Procurou-nos ontem um membro da comissão de festejos da Rainha Santa para nos pedir que protestássemos na Batalha contra uma arbitrariedade do governador civil deste distrito.

Esta autoridade comunicou, à última hora, a referida comissão que não consentia que a banda de música do Troviscal viesse a Coimbra tomar parte nas festas, sob o pretexto de que tinha receio que a multidão se indignasse com a presença da dita banda sobre a qual caiu há anos a excomunhão eclesiástica.

A comissão obteve-lhe que já há dois anos esteve aqui a banda «herética» e o povo fez-lhe bastantes ovacões. Demais, a banda tomava apenas parte nas diversões de carácter cívico para evitar qualquer desacato da parte dos católicos.

Como fôssem baldadas estas explicações um componente da comissão propôs-se assumir todas as responsabilidades manejando vir a banda por sua conta. Como nem assim o governador civil modificasse a sua atitude, disseram-lhe indignadamente que tudo fazia acreditar que sua ex. estava fazendo o jongo descarado do clericalismo. O governador civil não gostou da afiguração, mas a sua atitude é a melhor demonstração de que não andará muito longe da verdade.

Sinais dos tempos...—(C.)

Em volta das festas da Rainha Santa

O governador civil de Coimbra ao serviço do Bispo-Conde?

COIMBRA, 8.—Procurou-nos ontem um membro da comissão de festejos da Rainha Santa para nos pedir que protestássemos na Batalha contra uma arbitrariedade do governador civil deste distrito.